

MATTOS, Sérgio. Coerência no discurso político. In: INSTITUTO ANTONIO CARLOS MAGALHÃES DE AÇÃO, CIDADANIA E MEMÓRIA (ORG.). **ACM em Cena**. Salvador-Ba, 2017, pp. 201-203.

COERÊNCIA NO DISCURSO POLÍTICO

Sérgio Mattos
(jornalista e professor)

Luís Viana Filho, a quem Antonio Carlos Magalhães sucedeu no governo da Bahia, costumava abrir as portas do Palácio da Aclamação para oferecer um banquete natalino aos profissionais da imprensa. Nessas ocasiões, com ironia, comentava que “quando a imprensa está de boca cheia, não fala”. Por sua vez, ACM, que a exemplo de Luis Viana, também foi jornalista, tinha um mote quando se referia aos ex-coleguinhas: “Metade dos jornalistas está interessada em notícias e a outra metade, em dinheiro. Um bom político deve andar com notícias num bolso e dinheiro no outro. No entanto, precisa tomar cuidado para não oferecer dinheiro para quem quer notícias e nem notícias para quem quer dinheiro.”

Acompanhei o desempenho político-administrativo de ACM desde os tempos da Prefeitura. Durante seu primeiro governo, nos anos de 1970, Salvador sofreu um temporal que inundou a cidade e provocou desabamentos. Dom Eugênio Sales passou a criticar o governo por não acolher os desabrigados como devia, indicando onde colocá-los. Incomodado com as críticas de quem parecia querer ensinar a missa a vigário, ACM reagiu sugerindo que a Arquidiocese abrisse as portas de todas as Igrejas para acolher os desabrigados. Foi o suficiente para que as críticas cessassem.

Como protagonista da história por mais de 50 anos, ACM sempre conseguiu transformar situações desfavoráveis em pontos positivos. ACM era radical na defesa dos interesses da Bahia e valorizava a baianidade. Com habilidade e talento não conhecia neutralidade, pois se posicionava sempre, de maneira passional, pelas coisas em que acreditava, tomando partido sem medo de enfrentar o adversário ou de defender seus pontos de vista. No entanto, era também flexível, adaptando-se às situações. Não hesitou, por exemplo, em romper com o Presidente Figueiredo em 1984, passando a apoiar Tancredo Neves. Rompeu também com o Presidente Fernando Henrique em 2001, quando se sentiu traído na eleição de Jader Barbalho para a presidência do

Senado. Quando criticado por ter mudado de opinião em algumas situações, justificava-se: “só não muda de opinião, quem não tem opinião”.

Ele alcançou uma dimensão política nacional, usando os mesmos atributos com que conduzia a política estadual, ou seja, preferia ser respeitado e competente do que ser considerado simpático e inoperante. Em qualquer ambiente, político ou social, ele desfilava com desenvoltura, sempre sorridente e atencioso. Gostava de ser o centro das atenções e onde estivesse logo se formava um círculo em torno dele, pois sempre tinha novidades para contar. Estava sempre disposto para o embate político e tinha um gosto especial pela polêmica. Pelos aliados, era tratado como Cabeça Branca, um respeito à sabedoria e a experiência do Pai, ou como Toninho Ternura, enquanto os adversários, o chamavam de Toninho Malvadez.

Desde que foi eleito presidente do DCE da Faculdade de Medicina nos anos 1950 até o fim de seus dias em 2007, ele sabia o que queria e soube construir uma liderança política, um estilo pessoal, um modo próprio de fazer política e por isso passou a ser amado ou odiado, mas nunca ignorado. O jornalista Fernando Escariz, um dos que mais combateu o Carlismo, certa feita comentou em roda de jornalistas que uma coisa se devia reconhecer: ACM era coerente em suas posições e maneira de ser. Para chegar a esta conclusão, ele levantou as opiniões de ACM durante um longo período, colocando tudo no computador e cruzando as informações, não detectou nenhuma incoerência no discurso político dele.

Quando assumiu o Ministério das Comunicações, até então um órgão meramente técnico e que não atraía a cobertura jornalística, todos os jornais destacaram repórteres para cobrir ACM devido à dimensão política que as Comunicações passaram a ter. Devido à capacidade de dar a impressão de que sabia de tudo, ele passou a ser reconhecido como uma fonte obrigatória pelos jornalistas. ACM passou a ser ouvido e referenciado sobre todo e qualquer assunto que tivesse relevância. Muito bem informado sabia tudo sobre os jornalistas a quem tratava pelo nome, demonstrando uma memória fantástica.

Sobre sua memória, recordo de um evento agrícola nacional que o governo da Bahia estava promovendo e que o secretário da Agricultura não tinha tido oportunidade de passar os dados a serem citados no discurso de abertura. O evento foi no auditório do ICEIA e ACM chegou praticamente na hora. Enquanto caminhava pelo corredor central

do auditório, cumprimentando a todos, o Secretário Raymundo Fonseca ia dizendo os dados estatísticos sobre o desempenho da agricultura, tanto em nível nacional como estadual. Durante a abertura, ACM utilizou todos os dados que lhe foram passados com a precisão e clareza de quem era um especialista e conhecedor da matéria.